

## ONZE DE JUNHO, DATA DA MARINHA

CARLOS MAUL

Na guerra em que estêve empenhado o Brasil contra a tirania de Solano Lopez no Paraguai, destacam-se dois episódios culminantes: a batalha do Avaí, em que se agiganta a figura de Caxias, e a do Riachuelo que representa a cooperação heróica da Marinha de Tamandaré e de Barroso na luta em que se engajaram as fôrças de terra. Aos soldados do Exército coube a tarefa de definir naquele combate emocionante as linhas da vitória final que se aproximava. Aos marinheiros, embora em época diferente, tocou a glória de vencer o inimigo num dos mais violentos encontros que a nossa história registra, num corpo a corpo trágico a bordo da frota que conduzia a nossa bandeira nas águas do Rio Paraná. Muitos foram os entreveros fluviais que se verificaram em vários pontos em que a Marinha era chamada a intervir no conflito, mas o choque de Riachuelo é uma síntese da presença dos nossos marujos na maior luta internacional sul-americana do século XIX.

Com acêrto escolheu o Exército o 24 de maio para assinalar a importância de seus feitos, num dos pontos altos dos acontecimentos. Foi nessa ocasião que se apagaram as sombras das incertezas e se iluminaram os horizontes de sinais evidentes de que, dali por diante, iríamos em marcha acelerada no caminho do triunfo definitivo de nossas armas, em tempos muito próximos.

Com a Marinha dar-se-ia o mesmo a 11 de junho. A esquadra brasileira romperia as dificuldades que se opunham ao seu avanço, e daria, na oportunidade, uma das provas mais robustas de sua eficiência e da sabedoria de seu comando. Barroso se apresenta nessa fase como um grande condutor de homens, e os subordinados se comportam como esplêndidos discípulos do mestre insigne. Em poucos traços se evocara o épico e o dramático desse quadro sangrento. Os navios paraguaios tentam a abordagem das nossas naves e enfrentam, então, uma resistência violentíssima. No balanço das vidas que aí se sacrificaram ressaltam diversos nomes, todos de oficiais e marinheiros que desafiaram a morte com heroísmo soberbo. Mas se o Almirante simboliza a direção, há um marinheiro que simboliza a bravura da tropa: Marcilio Dias. Com o corpo mutilado pelas machadinhas dos atacantes, só deixou de lutar quando nada mais lhe

restava de possibilidades físicas para resistir ao adversário. Esses dois bravos eram tôda a Marinha unida por um só pensamento, o da vitória do Brasil. Do 11 de junho recolheu a Marinha as lições magníficas que lhe serviriam de guia para o futuro. Na evocação desse passado ilustre que já tem um século de idade, têm os nossos soldados do mar o alimento espiritual de sentido profundo na sua formação. As belonaves de hoje, com o seu poderio bélico aumentado pelos progressos da técnica, serão muito diferentes das pequenas embarcações de madeira que singravam o curso d'água nas vizinhanças de Riachuelo. Dentro delas, porém, vibram as mesmas almas, os mesmos sentimentos de patriotismo e de coragem cívica que marcaram a grandeza do 11 de junho. Há na Marinha de agora uma consciência de sua missão nacional imensa, na guarda de trezentas léguas de costa, mas essa consciência tem raízes que se nutrem do léguas derramado há uma centúria na tremenda refrega de 1864. Ao recordar essa guerra em que o nosso êxito significou a libertação de um povo oprimido por um despotismo, devemos assinalar que tão importante como o 24 de maio é o 11 de junho, porque talvez sem o primeiro o segundo não chegasse a ser uma realidade. Ambos se confundem como etapas decisivas para o desfecho da tragédia.

---

*Quem não ama à Pátria, não pode ser sequer um homem honrado.*

Ricardo León

—:—

*Se queremos que os povos sejam virtuosos, comecemos por fazê-los amar à Pátria.*

J. J. Rousseau

—:—

*Uma boa política de Defesa Nacional deve obter que todo o povo se sinta soldado.*

Gen Von Metzsch

—:—

*Um soldado pode perder tudo, inclusive a vida, mas não pode perder sua honra.*

Cel Fuller